

Francisco de Souza Gonçalves

**A "autor + a" segundo Norma  
Telles: pensando a literatura  
produzida por mulheres no  
entresséculo XIX-XX**

## Resumo

O artigo de Norma Telles, "Autor+a", foi publicado, pela primeira vez, em 1992, na obra "Palavras da Crítica", organizada por José Luis Jobim. Este se tornou um importante marco teórico dos estudos sobre a relação do feminino com a literatura no Brasil, tanto pela exiguidade de pesquisas sobre gênero na cena acadêmica de então, quanto pela excelente qualidade do trabalho de Telles. Até hoje, o supracitado artigo é, juntamente com outras obras da autora, referência constante nas bibliografias de diversos trabalhos acadêmicos pelo país. No presente artigo, propomos instrumentalizar as premissas relacionadas pela estudiosa em "Autor+a", para promover uma brevíssima leitura dos textos literários das autoras que selecionamos: utilizar os mesmos conceitos da crítica feminista dos quais lançou mão, percorrendo os similares caminhos teóricos. Salienta-se que tomaremos por escopo somente os textos de autoras brasileiras que publicaram da segunda metade do século XIX aos primeiros decênios do XX, com o fim último, de trazer a lume a literatura nacional escrita por mulheres neste período, ainda relegada, em grande parte, ao ostracismo por uma proposta de cânon excludente e sexista.

**Palavras-Chave:** Literatura Comparada; Gênero; Feminino; Norma Telles

## Abstract

The Norma Telles' article, *Autor +a* was published for the first time in 1992 in the book *Palavras da Crítica*, organized by José Luis Jobim. This became an important theoretical framework of studies on the relationship of women and literature in Brazil, both by the paucity of research on gender in the academic scene back then, as the excellent quality of the work of Telles. To date, the mentioned article is, along with other works of the author, constant references in the bibliographies of several academic papers around the country. We propose, in our article, to equip the assumptions related to the studious *Autor + a*, to promote the briefest reading of literary texts of the authors have selected: use the same concepts of feminist criticism which resorted, covering similar theoretical paths. Stresses that will take scope only by the texts of Brazilian authors who published the second half of the nineteenth to the early decades of the twentieth century, with the ultimate goal of bringing to light the writing by women in this period of the national literature, yet relegated to a large part ostracized by a proposed exclusionary and sexist canon.

**Keywords:** Comparative Literature; gender; women; Norma Telles

## Preâmbulos

O artigo de Norma Telles, "Autor+a", foi publicado, pela primeira vez, em 1992 na obra "Palavras da Crítica", organizada pelo Prof. Dr. José Luis Jobim. Este se tornou um importante marco teórico dos estudos sobre a relação do feminino com a literatura no Brasil, tanto pela exiguidade de pesquisas sobre gênero na cena acadêmica de então, quanto pela excelente qualidade do trabalho de Telles. Até hoje, o supracitado artigo é, juntamente com outras obras da autora, referência constante nas bibliografias de diversos trabalhos acadêmicos pelo país.

Historiadora, Mestra em Antropologia pela USP e doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP, Telles dedicou-se essencialmente à docência e à pesquisa sobre as relações das mulheres com a literatura no Brasil; principalmente às escritoras, até então relegadas ao esquecimento. Atualmente, já aposentada da docência, continua a produzir bastante na área de humanidades: são profusas as suas publicações que problematizam a inserção das mulheres na sociedade e literatura brasileiras.

Em "Autor+a", a pesquisadora busca problematizar, essencialmente, a questão da autoria feminina em "texto e contexto". Isto é, propor questões concernentes à literatura produzida por mulheres, em sua paridade ou disparidade com aquela produzida pelos homens, numa abordagem diegética e extradiegética, concomitantemente. Ao contextualizar inúmeros tópicos concernentes a autoria feminina, consegue expor vários conceitos relacionados à crítica feminista e elencar, ao mesmo tempo, inúmeras artistas da literatura mundial, que se destacaram na modernidade, bem como as respectivas obras que produziram; fornecendo ao leitor um panorama resumido, porém de conteúdo bem abrangente sobre o assunto.

No presente artigo, propomos instrumentalizar as premissas relacionadas pela estudiosa em "Autor+a", para promover uma brevíssima leitura dos textos literários das autoras que selecionamos: utilizar os mesmos conceitos da crítica feminista dos quais lançou mão, percorrendo os mesmos caminhos teóricos. Salienta-se que tomaremos por escopo somente os textos de autoras brasileiras que publicaram da segunda metade do século XIX aos primeiros decênios do XX, com o fim último, de trazer a lume

---

\* *Francisco de Souza Gonçalves* - Doutorando em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

a literatura nacional escrita por mulheres neste período, ainda relegada, em grande parte, ao ostracismo. Priorizaremos falar sobre as autoras menos conhecidas do grande público e ignoradas pelo cânone.

### Silêncio e Literatura, Autora e autorias

Amada filha, é já chegado o dia,  
em que a luz da razão, qual tocha acesa,  
vem conduzir a simples natureza:  
- é hoje que o teu mundo principia<sup>1</sup>.

“Desde a noite dos tempos”, diria Michelle Perrot, “pesa sobre a mulher o interdito do saber” (2012, p.91). De fato, o “direito à palavra” foi um dos bens mais difíceis para a causa feminista granjear. Na Antiguidade Clássica, o *logos/verbum* era posse do *andros* e do *pater famílias*, as mulheres versadas nas letras eram raridade e deveriam ser temidas, imperava a “exclusividade masculina no domínio intelectual” (SISSA, 1993, p.79). Por séculos as religiões do “livro” e do Deus-Pai, cristianismo, judaísmo, islamismo, mantiveram o “direito de ler” vetado para o “segundo sexo”. Só os homens teriam o monopólio da palavra: “o mundo sempre pertenceu aos machos” (BEAUVOIR, 2009, p.99) e só eles poderiam ter a posse do “discurso” e do saber, reservando às mulheres o silêncio e o anonimato do espaço privado.

No período entresséculos XIX-XX, as lutas feministas, fomentadas muitos anos antes, finalmente alcançam alguns de seus objetivos, dentre eles o direito à formação educacional igualitária. Toda a Europa assiste, quase que simultaneamente, à ascensão feminina aos bancos de escola: chegam ao primário por volta dos anos 80 e ao secundário no fim-de-século. Entrementes, o brilho das grandes autoras, grandes transgressoras do *status quo*, já se fazia notar na literatura mundial desde o século anterior: Austen, Radcliffe, Brontë, Shelley, Sand. O silêncio de milênios finalmente se rompia, em um rumor lento, mas persistente.

Ao romper-se o silêncio, como seria a voz das mulheres? Será que se diferenciava da dos homens? Tinham característica própria ou eram meras sombras, meros ecos da voz do opressor? Estas são algumas das questões, dentre tantas, sobre as quais o universo feminista se debruça já no século XX. Com o avanço dos estudos da linguística,

---

<sup>1</sup> Bárbara Heliodora (1758-1819) em *Conselhos a meus Filhos*.

as audições se acurarão para um cuidadoso exercício de escuta e descrição desta voz até então calada. Os textos escritos por mulheres se tornam um elemento importantíssimo nesta investigação.

Sendo assim, para falar da autoria feminina, dois pontos fulcrais são focados por Norma Telles em "Autor+a". O primeiro é concernente ao texto literário, em sua estrutura física, "material", e no que esta "escrita de si e do mundo", empreendida pela autora, possuiria de singular. O segundo é o do resgate de memória, da procura de referências, tão necessárias para que o legado feminino fosse restaurado, reconstituído, e vozes transgressoras do passado pudessem reverberar, trazendo respostas para perguntas hodiernas. A pesquisadora registra esta premissa, que se caracterizaria por um duplo movimento da crítica feminista: o de "decantação" de todas as fortíssimas influências exercidas pelo patriarcado, ao longo de milênios de relação dissimétrica, e por uma procura obstinada pela identidade usurpada; o que passa, inevitavelmente, pela escrita. O que esta "autora", a *nouvelle dame*, que conquistara, finalmente, seu direito a "dizer de si" teria para falar? Que *sermo* utilizaria para isso? Na busca por uma linguagem essencialmente feminina, utópica, era preciso que se promovesse uma importante desconstrução de conceitos linguísticos adquiridos por centenas de anos, processo similar ao empreendido em outras áreas do saber, principalmente das humanidades.

Na medida em que o vocábulo "autora" dicionariza-se como o "feminino de autor", surge um sério impasse de articulação de gênero, pois o "ser feminino de" implica não só uma relação de posse, mas também de subalternidade, daí a "desagregação" morfológica com a qual Telles joga no título do texto. Dada a questão de a "autora" ser, para a sociedade sexista, menos do que o "autor", e sua literatura ser desvalorizada, por conseguinte, o fato de o cânone "olvidar" as mulheres escritoras fica plenamente explicado. A sociedade falocêntrica e misógina de então, sequer aventaria a possibilidade de "uma simples mulher" poder conclamar para si a *auctoritas* dum *autor-presença* que "a partir da segunda metade do século XVIII, (...) começou a ser produzido na crítica literária" (HANSEN, 1992, p.18).

Em *Um teto todo seu*, palestra proferida por Virginia Woolf em 1928, que, posteriormente, foi editada e publicada, as questões da autoria feminina são esmiuçadas por uma artista que possui a "autoridade da experiência" tão aclamada pela crítica feminista. As dificuldades pelas quais uma mulher passa para poder escrever, a

reação da sociedade a ela, tudo isso se acumularia, se combinaria e criaria delineamentos únicos na maneira de (d)escrever o mundo. Além de ideias, técnica, talento e tantos outros predicados que um artista da palavra precisaria possuir, a escritora deveria ter “um teto todo seu” (*A room of one’s own*), isto é, um mundo próprio, independente, para que pudesse ter a prerrogativa de “ser”: “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção” (WOOLF, 1990, p.8).

A linguagem coloca-se para a mulher como uma questão de identidade, na medida em que o acesso às formas simbólicas da cultura se faz através dela. Por isso, se as práticas do ser humano moldam a cultura, encarada, então, como produto histórico, então, necessariamente, as mulheres também têm um papel nessa construção. Interessa, sobretudo, compreender como se estabeleceram os mecanismos de consagração social e cultural que serviram à formação e consolidação dos paradigmas vigentes. Neste sentido, não poderá ser indiferente que seja uma mulher a escrever, se e quando utiliza a palavra o faz para veicular perspectivas distintas daquelas que sustentam a cultura logocêntrica, definida com base em oposições binárias. (CUNHA, 2012, p.155)

Aqui, entram em cena dois conceitos fulcrais explorados por Telles em “Autor+a”, para falar sobre a literatura produzida pelas mulheres: a “ansiedade da autoria” e a figuração da “louca no sótão” (*the madwoman in the attic*). Tanto o primeiro conceito quanto o segundo se ligam ao processo, do qual já falamos acima, de desconstrução de conceitos patriarcais e falocêntricos, arraigadas na *psichê* pelo meio, para uma reedificação conceitual gradativa. Pois,

Além da impressão de estar negando seu gênero, a escritora sentia uma ansiedade decorrente do temor de não poder criar, ou de que o ato de criação poderia isolá-la, até mesmo destruí-la. Tal ansiedade, muitas vezes não conscientizada, (...) era fonte de (...) desconfiças que afloram em seus livros e estilos (TELLES, 1992, p.55)

O primeiro conceito provém do que Harold Bloom chamara de “angústia de influência”, que, posteriormente, sendo aplicado a autoria feminina, por Sandra Gilbert e Susan Gubar, foi chamado de “ansiedade de autoria”. O segundo conceito seria a consequência direta deste processo de fragmentação, “das dificuldades para se

desprender desses padrões [machistas]" (TELLES, 1992, p.56), pelo qual a autora teria de passar antes da criação.

Para a mulher escrever dentro de uma cultura que define a criação como dom exclusivamente masculino, e propaga o preceito segundo o qual para a mulher o melhor livro é a almofada e o bastidor, é necessário rebeldia e desobediência aos códigos culturais vigentes. O ato de escrever implica numa revisão do processo de socialização assim como das representações conscientes; implica também em um enfrentamento do inconsciente invadido pela situação objetiva de dependência do homem e que condicionava desta perspectiva a formação do eu. (TELLES, 1989, p.3)

Ambos os conceitos estariam intrinsecamente ligados, reiteramos, à socialização da obra produzida pela artista, conforme pontua Paula Cunha, lançando mão das premissas teóricas formuladas por Hans Robert Jauss:

A autoria feminina está intimamente ligada à "ansiedade de autoria", expressão cunhada por Gilbert e Gubar, que traduz a luta que a mulher que escreve enfrenta no processo de socialização de suas obras, porquanto tem de se introduzir num espaço, o da produção simbólica, tradicionalmente reservado ao homem, o que faz das suas obras uma espécie de desafio, de roubo do fogo, como entendia Simone de Beauvoir. Enquanto leitora, a mulher inaugura práticas de leitura que questionam a forma como a mulher é representada na literatura androcêntrica, como são postas em circulação imagens estereotipadas da mulher que a tipificam como anjo do lar ou como demônio, o outro que ameaça a ordem estabelecida porque, supostamente, detém poderes insuspeitados. Com Jauss e o conceito de "horizonte de expectativa", a estética da recepção volta-se para a recepção social do texto literário e mostra como o leitor faz parte do ato de leitura, que ele não é um receptor passivo das obras, mas é também um "transmissor dinâmico" que pode modificar a leitura das obras. Trata-se, portanto, de uma concepção teórica fundamental que deixa de valorizar, exclusivamente, o eixo autor vs obra, para conceder importância aos elementos contextuais que fazem parte do processo de formação de uma cultura literária cuja dinâmica constitui a própria história da literatura. Outro teórico fundamental é Iser que, com a noção de "leitor implícito" e de "espaços vazios" do texto a serem preenchidos pelo leitor, mostra o processo de leitura como construção de sentido que depende do repertório de cada leitor e das suas "estratégias de leitura". (CUNHA, 2012, p.155)

Assim, torna-se fragrantemente qual seria a tese de Norma Telles em "Autor+a": que o gênero é importante em toda a dinâmica de leitura de uma obra, coisa que "muitos críticos insistem em ignorar - que o sexo do intérprete ou do leitor é de crucial

importância" (TELLES, 1992, p.53) e que, por isso, "autora não é feminino de autor nem linguística, nem literária, nem culturalmente" (TELLES, 1992, p.45).

### A *Autor+a* brasileira: resgate e memória

A "reabilitação" sociocultural do feminino, no século XX, impingiu uma imediata revisão do cânone. Pois conforme assevera Roberto Reis:

(...) os textos não podem ser dissociados de uma certa configuração ideológica, na proporção em que o que é dito depende de quem fala no texto e de sua inscrição social e histórica. O que equivale a afirmar que todo texto parece estar intimamente sobredeterminado por uma instância de autoridade. (REIS, 1992, p. 69)

"Autoridade", esta, masculina, misógina e, por isso mesmo, androcêntrica, salienta-se. Uma leitura e "desleitura" para reordenações do cânone era emergencial (TELLES, 1992, p.46), porque

é na releitura dos textos canônicos, numa "maneira de ler" diferente, que parece residir a chave contra a essencialização de discursos hegemônicos, isto é, trata-se de perceber quem fala naqueles textos e a partir de que posicionamento ideológico, pois, enquanto prática discursiva, a literatura é uma poderosa forma de controle e dominação social. Ler os textos a partir de ângulos novos é desconstruir o cânone, é recusar, não os textos, mas as leituras institucionalizadas que se fizeram deles e que lhes atribuíram valor sem que se mostrem os critérios dessa escolha. (CUNHA, 2012, p. 156)

40

Para Reis, no entanto: "Um novo cânone decerto não lograria evitar a reduplicação das hierarquias sociais. O problema não reside no elenco de textos canônicos, mas na própria canonização (...)" (REIS, 1992, p. 73). Entretanto, certa "radicalidade" nas buscas por uma identidade da mulher brasileira urgia.

No Brasil, esta desleitura/releitura canônica será empreendida nas décadas de 1980 e 1990, por uma importante geração de pesquisadoras de gênero, da qual Norma Telles é nome importante.

Esta ausência, que passa uma ideia equivocada da influência feminina na cultura do país, vem sendo corrigida através de pesquisas, teses, livros, artigos e ensaios. Um dos mais importantes deles, *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, organizado por Zaidhé



Muzart, foi o principal fator em direção a uma reavaliação do patrimônio literário e cultural da literatura produzida por mulheres no Brasil. Publicado em 2000, o livro, com cerca de 1000 páginas, traz 52 autoras e mostra nomes que o público leitor nunca ouvira falar, e foi produto de um longo trabalho de pesquisa e da labuta de “revolver escombros e garimpar entulhos” (MUZART, 2000, p. 18). O valor do trabalho de Muzart é inquestionável, não só deste, mas dos tantos outros que foram surgindo sobre questões relativas à mulher em sua relação com a literatura no Brasil, principalmente nas últimas décadas do século passado. Almejamos, através deste breve demonstrativo que se segue, relacionar algumas das autoras e obras que foram relegadas ao esquecimento pelo cânone. Corroboramos com a assertiva de Norma Telles em *Rebeldes, Escritoras, Abolicionistas*:

Um autor não lido é vítima de um tipo particular de censura, o da indiferença, que é uma censura efetiva e eficaz. Isso porque uma cultura se define tanto por sua atitude e seus projetos futuros quanto por suas recordações e paisagens do passado. As escritoras, em especial, foram entre nós, vítimas desse tipo de censura. (TELLES, 1989, p.3)

No Brasil, as primeiras notícias de autoria feminina se dariam nos decênios iniciais do século XIX, mais precisamente em 1822, quando a poeta carioca Ângela Amaral Rangel<sup>2</sup> teve seus versos publicados. Neste interregno, entre o fim do século XVIII e início do XIX, ainda se destaca a poeta mineira Bárbara Heliodora.

É no século XIX, já na segunda metade do oitocentos, que a autoria feminina brasileira ganhará vulto. Com temáticas distintas das empregadas anteriormente, árcades em sua prevalência, as publicações de mulheres começam a se tornar menos raras. As autoras brasileiras do entresséculos XIX-XX, já informadas sobre o processo pelo qual passava a mulher no restante do mundo ocidental, passam a produzir cada vez mais. As obras destas autoras poderiam ser, facilmente, inscritas nos estilos de época que estavam na voga de então, como o Romantismo (ainda que mais tardiamente), o Parnasianismo, ou até o simbolismo. Seleccionamos destas, duas que possuem uma escrita mais engajada, cada uma a sua maneira: Maria Firmina dos Reis e Narcisa Amália.

---

<sup>2</sup> Há notícia de que, desde 1752, exercia intensa atividade artística, como membro da “Academia dos Seletos”. Sua fama se dá quando compõe e declama dois sonetos em homenagem a Gomes Freire de Andrade, governador e capitão-geral das capitâneas do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

No tocante à escravidão, era profunda a sensibilidade das autoras da segunda metade do século XIX. Uma das mais famosas autoras que abraçaram o tema da abolição foi Maria Firmina dos Reis, autora de *Úrsula*, de 1859, tido como o primeiro romance brasileiro escrito por uma mulher. Temos, aqui, à primeira vista, um romance ingênuo, bem ao estilo do romantismo regionalista, mas que numa leitura mais acurada mostra sua transgressão na compleição de suas personagens, tendo, como adjuvantes, escravos, que se destacam na narrativa por sua fibra moral, heroísmo e sofrimento infligido pelos cruéis senhores brancos

No livro de Maria Firmina dos Reis os escravos falam um português castiço e empregam sem erro o tratamento vós. Isto foi criticado por alguns críticos como inverossímil. Porém, não estaria ela através do emprego de um universo linguístico idêntico, observando que eram iguais embora diferentes? Contratando com os arremedos de fala dos escravos, ou dos caboclos, que aparecem em tantos livros, uma fala quase infantil ou idiota muitas vezes, este emprego da mesma língua para dois grupos étnicos aproxima os personagens. E mais, ela mostra os escravos, através de Túlio e Susana, como detentores de um código de valores e sentimentos próprios, diferentes, mas nem por isso menos ético do que o dos brancos. (TELLES, 1989, p.5)

Com esta tendência de uma poesia mais engajada, Narcisa Amália publica *Nebulosas* em 1872, seu único livro. Provida de fina sensibilidade social, combate a opressão da mulher, a escravidão negra. Amália foi a primeira jornalista profissional do Brasil. Recentemente, sua biografia inspirou uma personagem de novela, o que fez com que sua obra fosse lembrada por um público maior. São dela os versos: "E soa em cada moita, em cada gruta, /A sinfonia da paixão eterna!.../ - E eis-me de novo forte para a luta". A autora dialogou profundamente com sua época através da escrita aguda e forte. Exemplo disso é a publicação de "Condolência" em 1889:

Onde se mostra descrente das reformas empreendidas e da Abolição porque não antevê a possibilidade do povo se instruir "nos mistérios da igualdade" através do acesso a uma educação democrática. Como pode, pergunta, "águia cativa/ Subtrair-se à inércia que estiola/ Soerguer-te do nada – rediviva? ... "se da ciência não lhe vem amparo e se "abrem-te a detenção, fecham-te a escola! " (TELLES, 1989, p.8)

Sua pena que se assemelhava à espada e, não poucas vezes, rendeu-lhe um batel de duras críticas por parte de seus coevos, já que subvertia, através da divulgação de

suas ideias, a articulação de gênero dissimétrica do século XIX brasileiro. Para Narcisa Amália:

A pátria não poderia ser independente, nem se constituir como nação plena enquanto persistisse a nefasta instituição, enquanto todos os direitos não fossem restituídos. Narcisa Amália contemplava com desgosto e tristeza o "espetáculo desolador dos costumes pátrios" e não era uma otimista em relação à situação. Acreditava que seria preciso lutar e conclamou à rebeldia e à revolução. Essas ideias lhe valeram severas críticas de contemporâneos. Uma moça escrever versos de amor, vá lá, mas meter-se em política! Isso não! (*Ibidem*)

Em Maria Firmina dos Reis e Narcisa Amália, podemos entrever um pouco do que foi a autoria feminina na segunda metade do século XIX. Contra todos os prognósticos da opressão estas transgressoras souberam transformar em arte sua ânsia por liberdade.

### Considerações Finais

A literatura escrita por mulheres no Brasil de oitocentos foi intensamente marcada pela luta libertária silenciosa. Pugnas árduas que a autora precisa, antes de tudo, empreender nos umbrais da própria consciência, para depois desafiar o mundo hostil que a circunda. Uma escrita de ansiedades, angústias, mas, sobretudo de vitórias, ainda que gradativas.

O estudo de Norma Telles serviu como precioso fio de Ariadne para que pudéssemos balizar a leitura dos textos das autoras que abordamos, bem como para a leitura e levantamento de sua biografia. "Narrativas de vida" primordiais para resgatar uma parte indispensável da memória literária brasileira suprimida pela cultura patriarcal na qual ainda estamos imersos.



## REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone (de). **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CUNHA, Paula Cristina. **O desafio ao cânone literário**. Lésbia e o romance oitocentista de autoria feminina. Revista Graphos, vol. 14, nº 2, 2012 – UFPB / PPGL, ISSN 1516-1536.
- HANSEN, João Adolfo. Autor. In: Jobim, José Luís (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- JOBIM, José Luís (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). **Escritoras Brasileiras do Século XIX**. RS: EDUNISC; Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- PERROT, Michelle. **Minha história das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.
- REIS, Roberto. Cânon. In: Jobim, José Luís (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- SISSA, Giulia. Filosofias do Gênero: Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (orgs.) / PANTEL, Pauline Schimitt (dir.). **História das Mulheres no Ocidente: A Antiguidade – vol.1**. Porto: Afrontamento, 1993.
- TELLES, Norma. *Autor+a*. In: Jobim, José Luís (org.). **Palavras da Crítica: Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Rebeldes, Escritoras, Abolicionistas**. Revista de História, nº120. São Paulo: USP, Janeiro-Julho, 1989.
- WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1990.